

O TRABALHO DE LÚCIA WERNER PELLICCIOTTI

Sylvia Freitas Machado

Alguns dias após a morte de minha grande amiga Lúcia, em meio à tristeza, pediram para que eu escrevesse alguma coisa sobre o trabalho que esta nossa colega desenvolveu. Esse pedido me trouxe uma grande alegria, pois compartilhamos o mesmo consultório durante seis anos, e eu pude ser testemunha da seriedade e eficiência de seu trabalho. E é com muito carinho que vou tentar fazer um relato, buscando me aproximar o máximo possível do que era o conteúdo de nossas conversas fonoaudiológicas.

Inicialmente, vou transcrever um resumo do relato de uma das pesquisas realizadas com a dra. Margarida Windholz – Maggi, para os Íntimos. Essas pesquisas foram apresentadas em diversas reuniões científicas, inclusive em Israel. O título do trabalho a que me refiro é: 'Treino de emissão fonêmica hierarquizado: alguns resultados com crianças portadoras de distúrbios da fala' (a abordagem comportamental na terapia dos distúrbios da fala foi lançada por Lúcia, com o apoio imprescindível da Maggi).

Um número crescente de pesquisas em análise funcional do comportamento tem sido aplicado à área de aquisição de comportamento verbal e de tratamento de deficiências de linguagem de crianças com retardo de desenvolvimento, autistas, psicóticas, com problemas articulatórios, com ou sem deficiência auditiva. Werner e Windholz (1978) reportam os resultados positivos de treinos específicos de emissão fonêmica sobre a obtenção de fala inteligível em crianças portadoras de deficiências auditivas e com impedimentos orgânicos ao nível dos órgãos fonoarticulatórios.

A mesma sistemática de treino de emissão fonêmica hierarquizada foi utilizada com duas crianças, ambas do sexo masculino, de quatro anos e meio e cinco anos e meio, com problemas específicos ao nível fonêmico – trocas, substituições e omissões de fonemas – sem porém apresentarem outros problemas receptivos ou expressivos de linguagem (habilidades lingüísticas, não fala). Após levantamento da linha de base, constatou-se que tanto o Sujeito M. como o Sujeito B. possuíam 11 dos 19 fonemas consonantais da língua e todas as vogais orais e nasais. Seguindo o delineamento de linha de base múltipla e o procedimento de hierarquização preconizado no trabalho citado, o sujeito M. adquiriu todos os fonemas consonantais em 18 sessões de treino e o sujeito B. em 28 sessões. Superada esta fase foram trabalhados conjuntos silábicos com grupos consonantais, palavras e sentenças. No final de 50 sessões o sujeito M. recebeu alta. Após 38 sessões o sujeito B. está com produção de 100% de

acerto em palavras tetrassílabas com grupos consonantais, continuando o treino ao nível de sentenças.

Com base nos dados de casos clínicos anteriores pode-se afirmar que o procedimento empregado reduz o período de aprendizagem correta de fala de aproximadamente quarenta por cento. A vantagem do emprego desta técnica fica evidente quando se pensa na economia de tempo e consequentes efeitos facilitadores sobre a aprendizagem acadêmica e geral da criança, os efeitos sobre seu relacionamento social, assim como a redução das despesas com a terapia.

Para aplicar essa técnica na sessão de terapia fonoaudiológica são necessários:

- 1) Tempo: no máximo 10 minutos.
- 2) Material: papel almaço quadriculado ou outras folhas de registro preparadas, caneta e régua.
- 3) Jogos, adesivos ou guloseimas.

A atividade consiste em:

- 1) Inicialmente levantar os fonemas que a criança produz, no caso de distúrbio articulatorio, e escolher as sílabas, palavras e frases que 'vamos treinar' (pressupondo a participação da criança nesse empenho).
- 2) Anotar os itens na folha já preparada da seguinte forma:

Sílabas, ou palavras, ou sentenças	data	data	data	...
Total de tentativas				
Total de acertos				
Total de erros				
Porcentagem de acertos				

- 3) Como o treino é hierarquizado, cada vez que se atinge 100% de acertos, significa que a lista de sílabas ou palavras necessita ser mudada para introduzir uma nova etapa, determinada pelos dados levantados, passo a passo.
- 4) O ponto de partida sempre são os monossílabos, entre os quais pode-se introduzir alguns difíceis para a criança, desde que ela concorde em treiná-los.
- 5) As listas não devem ultrapassar trinta palavras ou cinco sentenças médias em extensão (levando-se em conta que é um treino para desenvolver a propriocepção, e que portanto a criança deve saber como produzir o fonema a ser treinado).
- 6) Para cada acerto anota-se um sinal positivo (+) e para cada erro um negativo (-).

7) A criança deve participar de tudo: desde a escolha do material lingüístico, até anotações e cálculos de porcentagens de acerto – o que mantém o seu interesse – bem como escolher o que se seguirá ao treino: guloseimas, adesivos, atividades lúdicas etc.

É um jogo gostoso, produtivo, e realmente reduz o tempo de atendimento. Nos últimos meses, Lúcia e eu sempre falávamos em escrever o que produzimos nesses 18 anos de profissão. Ela começou com interesse pela percepção auditiva – chegou no *feedback* acústico-articulatório, entendeu como mexer no elo dessa cadeia representado pela propriocepção pesquisando seriamente as estratégias. Depois aceitou e incorporou o que pude entender até hoje sobre percepção da fala, apontando o que achava pertinente, numa colaboração séria, como tudo o que fez na vida. Só que não pudemos fechar o circuito juntas, escrevendo a quatro mãos o produto do nosso trabalho cooperativo.

Mas ficou uma *saudade* muito grande, aquela saudade que vale a pena sentir, porque é da Lúcia, da minha *amiga*, da *nossa* colega, que fez muito por merecer a consideração e o respeito, o amor e o carinho que faziam parte de todos os seus relacionamentos.